

USO DE TÉCNICAS DE MUSICOTERAPIA NA COLETA DE DADOS DE DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO DE CRIANÇAS PEQUENAS

USING MUSIC THERAPY TECHNIQUES IN DATA COLLECTION OF TODDLERS' LANGUAGE DEVELOPMENT

Maria de Fátima de Almeida Baia 1

Resumo: Neste estudo, apresentamos uma reflexão a respeito e relato do uso de técnicas de Musicoterapia na coleta de dados de desenvolvimento linguístico de crianças gêmeas e não gêmeas com desenvolvimento típico. Em específico, relatamos a experiência do uso de música na coleta de dados, segundo Bruscia (2000) com base nos quatro tipos de experiência musical (improvisação, re-criação, composição e audição) e os três tipos de intervenção com música (centrada no som, centrada na beleza (estética) e centrada na criatividade). Por fim, apresentamos os benefícios das técnicas na coleta de dados linguísticos da primeira infância por promoverem a criatividade musical junto com a expressão corporal.

Palavras-chave: Desenvolvimento Linguístico. Musicoterapia. Música.

Abstract: In this study, we present a reflective paper on the use of Music Therapy techniques in language development data collection of twin and non-twin children with typical development. In particular, we report the experience of using music in data collection, accordingly to Bruscia (2000), based on the four types of musical experience (improvisation, re-creation, composition and listening) and the three types of musical intervention (music-centered, beauty (aesthetic)-centered and creativity-centered). Finally, we present the benefits of these techniques in early childhood data collection for promoting musical creativity along with body expression.

Keywords: Language Development. Music Therapy. Music.

Introdução

Qualquer que seja, em cada caso, sua forma artística, os conteúdos do modo psicológico de criar provêm sempre do domínio da experiência humana, do primeiro plano de suas vivências anímicas mais fortes.

C. G. Jung em *O espírito na arte e na ciência*

Neste trabalho, relatamos experiência e os resultados da coleta de dados de desenvolvimento da linguagem com uso de técnicas musicais, nos últimos quatro anos, e musicoterápicas, nos últimos dois anos. A coleta, que tem sido realizada desde 2014 na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em Vitória da Conquista-BA, faz parte do projeto de pesquisa em processo de finalização *Padrões emergentes no desenvolvimento fonológico típico e atípico*, aprovada pelo comitê de ética responsável na instituição (CAAE 30366814.1.0000.0055). Participam dessa coleta crianças de 8 meses a 5 anos, gêmeos e não gêmeos de ambos os sexos e com desenvolvimento típico.

Este trabalho está organizado da seguinte maneira: 1) situamos a área da Musicoterapia destacando no que ela pode ajudar na educação de crianças; 2) descrevemos o método de coleta e transcrição utilizado por mim e por inúmeros estudiosos de desenvolvimento linguístico na primeira infância no mundo (CHAT); 3) relatamos a junção dos dois lados na coleta de dados do Laboratório de Aquisição da Linguagem (LALALIN) da universidade, apresentando alguns *insights* e dicas que outros colegas podem utilizar.

Musicoterapia e o uso de técnicas musicais

Neste trabalho, tratamos do diálogo entre língua, corpo e música por meio da exposição das atividades realizadas para coleta de dados no laboratório de aquisição da linguagem. A respeito da relação entre música e linguagem, Rudd (1991, p. 173) defende que ambas estão muito próximas, pois a organização dos sons que denominamos música teria suas raízes no diálogo estabelecido inicialmente entre a criança e o/a cuidador(a), o que é corroborado por estudos sobre desenvolvimento de percepção musical e balbúcio musical (PARIZZI, 2006). Embora reconheçamos como Rudd (1991) a relação intrínseca entre música e linguagem, destacamos o desencontro que há entre os achados nos estudos da linguagem e os estudos musicais¹. Porém, independente da falta de consenso, é certo de que a música utilizada como recurso facilitador da tarefa de estimulação e recuperação de fala é benéfico.

No que se refere à corporeidade, a Musicoterapia explora, através do estímulo musical, o tratamento do corpo e seus movimentos. Segundo Almeida (2004), isso é possível porque a área se apodera dos conhecimentos cinesiológicos e neurológicos sem invadir a área do fisioterapeuta e demais especialistas, por exemplo. Segundo o autor, por meio das técnicas musicoterápicas, junto ao uso de instrumentos, fazemos uma “ginástica sonora” (p. 9) que envolve não só as mãos, mas todo o corpo. Por essa razão, acreditamos que as atividades conduzidas para coleta de dados, via música e expressão corporal, exploram uma manifestação que podemos considerar holística da arte na primeira infância.

A Musicoterapia por ser uma área de encontro multidisciplinar permite que diferentes perspectivas teóricas possam se entrelaçar com seu elemento principal, a música. Uma das razões para tal reside na possibilidade de entendermos o fazer musical como metáfora, que, segundo Barcellos (2009), pode ser exemplificado com o uso da expressão musical no lugar do não-dito verbalmente. Dessa maneira, diferentes aspectos e conteúdos da psique podem ser visitados com o uso de diferentes sequências de notas, ritmos e demais elementos musicais. Entretanto, para

¹ Um estudo com a discussão está no prelo. Será publicado na primeira edição em março de 2019 do periódico *Monolingual and Bilingual Speech*, organizada por Elena Babatsouli (Institute of Monolingual and Bilingual Speech na Grécia) e Martin Ball (Bangor University no País de Gales).

que tal uso ocorra com sucesso, é importante que o terapeuta tenha conhecimento da estrutura musical (BARCELLOS, 2009, p. 14), pois é por meio desse conhecimento que será possível perceber a música e o conteúdo subjetivo que o paciente traz. Além do conhecimento da estrutura musical, o profissional deve estar atento a todos detalhes da relação entre o paciente e a música, partindo até da sua relação com os instrumentos independente de terem sido manuseados (BARCELLOS, 1999, p. 68), buscando, dessa maneira, descrever e observar o que Barcellos (2009, p. 18) denomina **metáforas paramusicais**. É importante mencionarmos que muitas dessas metáforas, embora na coleta de dados o alvo seja o linguístico, podem apresentar aspectos inconscientes e conscientes da personalidade em formação da criança.

A música é utilizada, neste estudo, como veículo de estimulação de fala. A intervenção executada apoia-se em uma literatura vasta que aponta os benefícios do uso da música em contexto terapêutico (BENZON, 1985; BRUSCIA, 2000 [1998]; FURUSAVA, 2003; QUEIROZ, 2003; PALLAZI, FONTOURA, 2016). São utilizados também, de maneira adaptada, recursos da área de pedagogia musical (FRANÇA, 2012). Além disso, seguindo Bruscia (2000 [1998]), a natureza das intervenções com música serão: a) centrada no som, b) centrada na beleza (estética do som) e c) centrada na criatividade; como apresentamos na seção de descrição de atividades para coleta de dados.

Benzon (1985), em sua obra *Manual de Musicoterapia*, destaca o efeito psicológico do uso de tema musical por integrar um dos fundamentos do prazer que sentimos ao escutar música. Dessa maneira, além do papel estético, a literatura, em específico na área de Musicoterapia, tem destacado o efeito terapêutico do uso da música. No entanto, para apresentar alguns dos efeitos psicofisiológicos da música, precisamos, primeiramente, apresentar as características elementares da música e do som. Segundo Med (1996, p. 11), os principais constituintes da música são:

1 - Melodia – conjunto de sons dispostos em ordem sucessiva (concepção horizontal da música).

2 - Harmonia – conjunto de sons dispostos em ordem simultânea (concepção vertical da música).

3 - Contraponto – conjunto de melodias dispostas em ordem simultânea (concepção ao mesmo tempo horizontal e vertical da música).

4 - Ritmo – ordem e proporção em que estão dispostos os sons que constituem a melodia e a harmonia.

Para apresentarmos os efeitos psicofisiológicos da música, vamos nos prender às características 1, 2 e 4 de Med. A **melodia** e a **harmonia** podem influenciar a experiência emocional humana por apresentarem uma relação intrínseca com o estado emocional. A melodia como entoação de fala, por exemplo, está presente desde as primeiras vocalizações do bebê e é por meio dela que ele vai moldar e apresentar para o mundo suas primeiras emoções, como a de incômodo, a de alegria com entoações de riso e afins (SCARPA, 2001). O caminho melódico dentro de um determinado campo tonal pode promover diferentes tipos de sensações como tensão, expectativa, relaxamento, resolução, estabilidade etc. Um bom exemplo é a mescla entre entoação recitada e cantada na ópera, como no último ato de *Dido e Enéas* de Henry Purcell, na última ária *When I amlaid in Earth*, também conhecida como *O lamento de Dido*, na qual Dido canta uma melodia mais lenta e “arrastada” momentos antes da sua morte. No nosso dia-a-dia não é diferente, entoamos melodias mais estimulantes e rápidas para transmitir alegria ou escutamos melodias assim propagadas para aumentarmos nossa sensação de bem-estar. Na música não é diferente.

Do ponto de vista psicofisiológico, o **ritmo** musical pode causar: a) efeitos bioquímicos - pode estimular a liberação de endorfina liberando uma sensação de bem-estar e aliviando dor; b) efeitos fisiológicos – por exemplo, uma música estimulante pode afetar o ritmo cardíaco e o pulso, enquanto que a música mais lenta, i.e. de efeito sedativo, tende a diminuir-lo; além disso pode causar respostas musculares e motoras relaxando ou estimulando a atividade muscular. Desse modo, os efeitos psicológicos podem ser sedativos, relaxantes, estimulantes. Essa relação estreita entre os ritmos do meio externo e o ritmo corporal ocorre porque ambos são análogos ao ritmo

da música. Por essa razão, a música, particularmente o ritmo, é um excelente meio para despertar diferentes estados psicológicos.

Destacamos, dessa maneira, que o uso da música para trabalhos terapêuticos e/ou de estimulação de fala requer conhecimento aprofundado a respeito dos efeitos que determinadas melodias e ritmos podem desempenhar. Ademais, muito do que pode ser utilizado dependerá das necessidades do assistido e dos objetivos do pesquisador. A literatura musicoterapêutica destaca quatro tipos básicos de experiência musical que podemos utilizar (BRUSCIA, 2000, p. 31):

1 - Improvisação: o cliente² faz sua própria música de forma improvisada ao tocar um instrumento ou cantar;

2 - Re-criação: o cliente canta ou toca, de memória ou utilizando partitura, uma peça musical composta anteriormente;

3 - Composição: o cliente, mediante ajuda do terapeuta, compõe e escreve uma canção, peça instrumental ou parte de uma peça;

4 - Audição: o cliente ouve e reage a uma música gravada ou ao vivo.

A quarta experiência, a da audição, é a que é mais utilizada por profissionais de diferentes áreas. Todavia, para que o trabalho com a música apresente melhores efeitos, o recomendável é explorar cada uma das experiências.

Durante nossas sessões, utilizamos diferentes ferramentas musicoterapêuticas, tais como, imitação vocal, imitação instrumental, improvisação vocal ou instrumental e composição de músicas segundo a técnica de composição musical. Destacando o uso de improvisação vocal e instrumental no estudo dos autores, como Bruscia (2000) afirma, a música improvisada, por exemplo, pode ser interpretada como um reflexo sonoro da forma de ser no mundo do improvisador. Dessa maneira, muito do que é apresentado pela criança desde suas vocalizações, toques rítmicos e execuções com instrumentos, pode ser entendido como meios de exteriorização de sensações internas.

Coleta de dados de desenvolvimento linguístico (Linguística)

A Aquisição da Linguagem é, pelas suas indagações, uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar [...] as questões suscitadas pela Aquisição da Linguagem, bem como os problemas metodológicos e teóricos colocados pelos próprios dados aquisicionais, têm, não raro, levado tanto a Psicologia (sobretudo a Cognitiva) como a própria Linguística a se repensarem e a se renovarem.

Scarpa (2001)

Diferentes metodologias podem ser empregadas de acordo com o tipo e o objetivo do estudo. Os estudos sobre a fala infantil dividem-se em estudos de percepção, compreensão ou produção. O primeiro investiga se indivíduos, de feto a adultos, percebem os sons da língua; o segundo investiga o que a criança compreende; e o terceiro investiga o surgimento dos sons e os processos linguísticos.

Em geral, os estudos sobre o desenvolvimento linguístico são de caráter observacional (naturalístico) ou experimental. O primeiro tipo foi o primeiro método de coleta de dados de fala infantil, realizado por meio da escrita de diários mantidos por psicólogos e linguistas que acompanhavam, na maioria das vezes, o desenvolvimento de seus filhos. Quando usado o método observacional, não é designado um estímulo específico para o participante, pois produção, percepção e compreensão da linguagem ocorrem em uma situação normal (naturalística e espontânea) de interação entre o falante e o ouvinte. No segundo tipo de método de coleta de

² Termo utilizado por alguns terapeutas para assistido e paciente. Na área de musicoterapia, é utilizado na Argentina.

dados infantil, o experimental, um conjunto de estímulos é elaborado de maneira controlada, i.e., pré-estipulada. Os dados são recolhidos seguindo alguma técnica de elicitación em laboratórios ou em outro ambiente adequado para a condução do experimento. Os dois tipos de métodos compartilham etapas de elaboração, embora difiram em duas delas:

Quadro 01 - Comparação entre métodos de estudo.

Passos para geração dos dados	Experimental	Observacional
Formular a hipótese	Sim	Sim
Desenvolver o design	Sim	Não
Construir método de elicitación	Sim	Não
Selecionar população	Sim	Sim
Coletar dados	Sim	Sim

Fonte: Baia (2008).

O presente estudo apresenta sessões observacionais. A escolha metodológica e os dados analisados são explicados a seguir.

A escolha metodológica

Por ser um estudo que abrange dados iniciais e de transição do balbucio às primeiras palavras, o método mais adequado é o observacional. O uso de fala espontânea da criança, além de refletir melhor o desenvolvimento linguístico, permite a coleta de dados desde balbucio até palavras. O uso do método observacional é também crucial para a coleta de diferentes tipos de produções que tendem a ocorrer simultaneamente, ou seja, balbucio sendo produzido concomitantemente às palavras de diferentes classes gramaticais. Além disso, por meio dele podemos inserir de maneira mais ampla recursos musicais.

Em geral, os estudos linguísticos partem dessa definição e se baseiam em algum método específico de transcrição, como, por exemplo o CHAT (CHILDES). Esse sistema de transcrição de dados utilizado está na plataforma *Child Language Data Exchange System* (CHILDES). De acordo com MacWhiney (2000), o autor do sistema de transcrição, com ele é possível facilitar a análise de dados devido à sua automatização, adquirir dados mais consistentes e disponibilizar mais dados para um número maior de crianças não só com idades diferentes, mas também falando diversas línguas.³

Dessa maneira, todas as transcrições pertencentes ao banco de dados são colocadas no sistema de transcrição CHAT (*Codes for the Human Analysis of Transcripts*), o que faz com que variadas pesquisas de diferentes análises possam utilizar desse sistema. Além de ser gratuito, diversos grupos de pesquisa utilizam os programas CHILDES e inserem novos conjuntos de dados, que ficam disponibilizados para todos que fazem uso do banco de dados (MACWHINEY, 2000).

Além desse sistema, os estudiosos de desenvolvimento fonológico, como é nosso caso, utilizam o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) para cumprir com tal finalidade.

Assim, o linguista responsável pela coleta de dados tem pouco recurso lúdico para se basear na tarefa de estimulação de fala. Em geral, são utilizados meios explorados pelos estudos de pedagogia da primeira infância e/ou tarefas específicas de estimulação da fala. Por essa razão, apresentamos neste estudo os benefícios do uso de técnicas da Musicoterapia, atrelados a aspectos musicais e de movimentos corporais da criança em desenvolvimento, para coleta de dados. Isso porque pais e cuidadores esperam, em geral, do profissional que acompanha seu filho relatos sobre o seu avanço e também alguma estimulação cognitiva para o seu desenvolvimento, pois sua participação é somente voluntária.

Relato das sessões

³ Os dados do banco de dados serão disponibilizados na plataforma CHILDES assim que o trabalho de transcrição for finalizado.

As sessões relatadas são de três crianças do sexo feminino, nativas de Vitória da Conquista – BA, com desenvolvimento típico. O período etário explorado é de 1 – 2 anos. A coleta, que tem sido realizada desde 2014 na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), faz parte do projeto de pesquisa em processo de finalização *Padrões emergentes no desenvolvimento fonológico típico e atípico*, coordenado pela autora deste trabalho e aprovado pelo comitê de ética responsável na instituição (CAAE 30366814.1.0000.0055). A seguir, descrevemos, brevemente, as crianças:

Quadro 02: Crianças participantes da coleta de dados.

Crianças participantes	Faixa Etária	Descrição geral do contato com a expressão musical e corporal
L.	1 – 2 anos	L. apresentou desde o início das sessões uma forte ligação com a música, principalmente com o teclado e o canto.
Mg (gêmea) Bg (gêmea) Obs: gêmeas dizigóticas	1 – 2 anos	Mg. é a criança introspectiva do par de gêmeas. Interagia muito pouco com fala nas sessões iniciais. A música, em especial o canto, foi um meio de estimular sua participação da coleta. Bg é a criança extrovertida do par. Apesar de sua facilidade inicial com a expressão verbal, a música se mostrou um excelente meio para estimular atividades conjuntas com a sua irmã.

Fonte: arquivo pessoal da autora.

Coleta de dados com as gêmeas Mg e Bg

A seguir, relatamos a estimulação de fala para coleta de dados das crianças gêmeas com o uso da proposta de Bruscia (2000 [1998]).

a) Estimulação/coleta de dados linguísticos com intervenção musical centrada no som

Figura 01: Mg e Bg na sessão 1;11⁴.



Fonte: banco de dados do GEDEF – UESB (CAAE 30366814.1.0000.0055).

Na sessão, as gêmeas prestam atenção na harmonia que é executada pela pesquisadora que coleta os dados⁵. Na ocasião, o nome de cada um é cantado pela pesquisadora, mudando acordes na escala de dó maior. O objetivo é explorar a sonoridade do instrumento e a percepção do seu próprio nome cantado.

b) Estimulação/coleta de dados linguísticos com intervenção musical centrada na beleza do

4 Ler Ano;mês. Imagens autorizadas pelos responsáveis junto com os dados de áudio.

5 Todas as intervenções musicais foram realizadas pela autora deste trabalho.

som (estética)

Figura 02: Mg e Bg na sessão 2;0 (GEDEF).



Fonte: banco de dados do GEDEF – UESB (CAAE 30366814.1.0000.0055).

Nesta sessão, a pesquisadora toca valsa no violão e pede para as duas crianças acompanharem dançando usando bambolês. As gêmeas sabem que estão sendo filmadas e fazem a dança tão bonita quanto a música que é executada. Dessa maneira, não só se estimula a fala em desenvolvimento como também a expressão corporal e a noção de beleza.

c) Estimulação/coleta de dados linguísticos com intervenção musical centrada na criatividade

Figura 03: Mg e Bg na sessão 1;10 (GEDEF).



Fonte: banco de dados do GEDEF – UESB (CAAE 30366814.1.0000.0055).

Nesta sessão, estimulamos a fala juntamente com a criatividade musical das crianças. Nela, elas cantam uma música religiosa guiada pelos pais. Devido às limitações articulatórias, Mg e Bg trocam algumas palavras ao cantar.

É importante mencionarmos que um dos princípios básicos da Musicoterapia é o Princípio de ISO, proposto Altshuler em 1944. Segundo ele, devemos utilizar música idêntica ao estado de ânimo do assistido e seu tempo mental facilita a resposta mental e emocional dele. Nesta sessão em particular a temática central na relação com as gêmeas com a família era religiosa. Por essa razão, a sessão de coleta de dados seguiu a espontaneidade das crianças.

Adiante, Benenzon (1985) argumenta que o princípio de ISO se encontra em perpétuo movimento dentro do inconsciente do homem. Além disso, o musicoterapeuta propõe diferentes tipos de isso que devem ser levados em consideração no contexto que envolva Musicoterapia: **Iso Universal** – energia sonora de todos os seres humanos; **Iso Gestáltico** – inconsciente da energia sonora que constitui o indivíduo desde o seu nascimento; **Iso Cultural** – estímulos sonoros do ambiente que o rodeia; **Iso Complementário** – pequenas mudanças que ocorrem em cada dia/sessão de Musicoterapia; **Iso Grupal** – relacionado com o esquema social em que o indivíduo se integra. Dessa maneira, na sessão 2;1, exploramos junto com a estimulação de fala o isso cultural

das duas crianças.

Coleta de dados com L.

A seguir, descrevemos duas sessões realizadas com L. para coleta de dados com uso de dois dos quatro tipos básicos de experiência musical propostos por Bruscia (2000, p. 31), como descrito na seção *Musicoterapia e o uso de técnicas musicais*, a saber, a **improvisação** e a **re-criação**.

d) Estimulação/coleta de dados linguísticos com experiência musical de improvisação

Figura 04: L. na sessão 2;0 (GEDEF).



Fonte: banco de dados do GEDEF – UESB (CAAE 30366814.1.0000.0055).

Nesta sessão, L. improvisa uma música que a pesquisadora toca sobre o jacaré. Na ocasião, ela escolhe outros animais e canta via improviso sobre eles. Interessantemente, o ritmo musical guiado pela pesquisadora não parece ser um desafio para a criança, mas um meio de facilitar a sua pronúncia dos nomes de outros animais.

e) Estimulação/coleta de dados linguísticos com experiência musical de re-criação

Figura 05: L. na sessão 1;10 (GEDEF).



Fonte: banco de dados do GEDEF – UESB (CAAE 30366814.1.0000.0055).

Nesta sessão, L. escuta a pesquisadora cantar e tocar *Parabéns para você*. Em seguida, ela recria a composição inserindo diferentes aniversariantes e criando um *medley*⁶ junto com outras canções infantis. Dessa maneira, a atividade musical, além de fazer L. explorar o movimento das mãos, faz com que use sua criatividade e explore diferentes palavras.

Considerações finais

Apresentamos, neste estudo, os benefícios e parte das técnicas, além de modelos, presentes na Musicoterapia que podem ser utilizados na tarefa de estimulação de fala e coleta de dados. Como apresentamos, mesmo que em poucos exemplos de sessões, essas técnicas promovem não só a estimulação linguística, foco da coleta, como também a estimulação da criatividade e expressão

⁶ Formato musical com várias canções/músicas misturadas.

corporal da criança. Isso porque música está na linguagem e também no próprio movimento do corpo.

Estudos sobre conhecimento musical intuitivo das crianças (PARIZZI 2006, GRATIER 2011) afirmam que as formas de se “criar sentido” antes da produção linguística, as quais ocorrem nas interações mãe-bebê, são próximas dos modelos de criação do sentido musical (GRATIER 2011, p. 82). Esses estudos não propõem uma análise puramente musical, como feita pelos estudos linguísticos, mas defendem uma continuidade entre o verbal e o musical, oriunda da natureza da voz humana que é tanto um instrumento de fala como também de canto. Parizzi (2006), ao abordar o canto espontâneo dos bebês, afirma que muito do balbúcio inicial das crianças seria na verdade um balbúcio musical. Ainda para a autora os sons emitidos pelo bebê para falar e para cantar se diferenciam progressivamente durante o segundo ano de vida (PARIZZI, 2006, p. 42). Dessa maneira, haveria uma simultaneidade e continuidade do aspecto prosódico de fala e aspecto musical devido à natureza da voz humana que é tanto um instrumento de fala como também de canto.

Assim como os estudos de desenvolvimento prosódico levantam universalidades nos padrões entoacionais iniciais (SCARPA, 1997), como por exemplo, alternância entre tons altos e baixos na entoação, melodias de curta duração, sequência rítmica binária de sílaba átona e tônica, etc; os estudos sobre percepção e produção musical de bebês encontram intervalos característicos de cada etapa de desenvolvimento (PARIZZI, 2006).

Além disso, para Bruscia (1991, p. 2 -7), o aspecto musical auxiliaria o desenvolvimento linguístico. Dessa maneira, não parece haver uma preocupação por parte do autor em diferenciar o que seria musical do que seria linguístico. Por que então não os unir na estimulação inicial de fala?

Referências

ALMEIDA, M.V.M. Corpo e Musicoterapia: Singularidades em uma prática de reabilitação. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n. 7, p. 8 – 16, 2004.

BAIA, M.F.A. **Formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro e as implicações metodológicas**. Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, 2008.

BARCELLOS, L. R. M. **Cadernos de Musicoterapia 4**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1999.

BARCELOS, L. R. M. **A música como metáfora em Musicoterapia**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO, 2009.

BENENZON, R. O. **Manual de Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

BRUSCIA, K. E. O desenvolvimento musical como fundamentação para a terapia. Trad. Lia Rejane Mendes Barcellos. **Proceedings of the 18 Annual Conference of the Canadian Association for Music Therapy**, 1991, p. 2-13.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000 [1998].

FRANÇA, C. C. **Para fazer música**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

FURUSAVA, G. C. **Setting musicoterápico**. São Paulo: Apontamentos, 2003.

GRATIER, M. As formas da voz: o estudo da prosódia na comunicação vocal mãe-bebê. In: LAZNIK, M. C.; COHEN, D. (Orgs.). **O Bebê e seus Intérpretes: clínica e pesquisa**. 1ª ed. São Paulo: Instituto Langage, pg.79-83, 2011.

MacWHINNEY, B. **The CHILDES Project: Transcription on Format and Programs**. 3ª ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 3ª ed, v. I e II, 2000.

MASSINI-CAGLIARI, G. O conceito de pé como unidade rítmica: trajetória In **Estudos de prosódia**, org. Scarpa, E. M, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

MED, B. **Teoria da música**. Brasília, Musimed, 4ª edição, 1996.

PALAZZI, A.; FONTOURA, D. R. Musicoterapia na afasia de expressão: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano XVIII, nº 20, 2016.

PARIZZI, M. B. O canto espontâneo da criança de zero a seis anos: dos balbucios cantados às canções transcendentais. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 15, 39-48, 2006.

QUEIROZ, G. J. P. **Aspectos da musicalidade e da música de Paul Nordoff e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica**. São Paulo: Apontamentos, 2003.

RUDD, E. **Música e saúde**. São Paulo: Summus, 1991.

SCARPA, E. M. Learning External Sandhi. Evidence For A Top-Down Hypothesis Of Prosodic Acquisition". In: **GALA'97 Conference on Language Representation and Processing**, 1997.

Recebido em 31 de janeiro de 2019.

Aceito em 4 de setembro de 2019.